

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 06
23 de novembro de 2022



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.



Uma riqueza para todos

Núcleo Fé e Cultura

Somos diferentes uns dos outros, moldados tanto por nossos temperamentos quanto pelas experiências que vivemos. Os vários carismas que Deus faz nascer no seio da Igreja não deixam de ser uma resposta a essa diversidade. Sobre a mesma base comum, cada um de nós pode encontrar o caminho mais adequado a seu modo de ser.

Mais do que isso, carismas são riquezas que Deus dá para ajudar no crescimento de todos. Podemos não nos identificar com esse ou aquele carisma, mas em todos eles rebrilha uma faceta da luz do Espírito que pode ajudar a todos nós, como [lembra o Papa Francisco](#). Aqueles que seguem determinado carisma se identificam mais com suas singularidades, mas devem estar cientes de que sua missão é colocar essa riqueza a serviço dos demais, apresentá-la de modo que possa iluminar a vida de todos.

As grandes ordens e congregações religiosas ilustram com clareza essa dinâmica do Espírito. O monaquismo beneditino, a pobreza franciscana, o discernimento jesuíta e tantas outras dimensões carismáticas são particularmente cultivadas no âmbito de comunidades específicas, mas inspiram e ajudam a orientar a vida cristã de muitas outras pessoas. Os movimentos e novas comunidades não fogem a essa regra, mas sua contribuição muitas vezes ainda passa despercebida entre os que não participam de seus carismas.

Existe uma forte dimensão cultural em todo carisma. Eles condicionam uma dada mentalidade, um modo de se relacionar com as pessoas e as coisas. Nestes Cadernos Fé e Cultura, desejamos, sempre que possível, apresentar esses aspectos culturais dos carismas mais recentes na história da Igreja, mostrando como podem ajudar no enfrentamento dos desafios da sociedade atual.

Nesta edição, aproveitando o centenário do nascimento de Dom Luigi Giussani, fundador do movimento Comunhão e Libertação, apresentamos sua visão sobre a relação entre os desejos mais profundos do ser humano e o senso (sentido) religioso. Esperamos que esta seja a primeira entre muitas outras edições com esse perfil.



Arte: Sergio Ricciuto Conte

O que move o ser humano? Quem ele é?

Todas as experiências da minha humanidade e da minha personalidade passam pelo crivo de uma “experiência original”, primordial, que constitui o meu rosto ao confrontar-me com tudo. Aquilo que cada homem tem o direito e o dever de aprender é a possibilidade e o hábito de comparar cada proposta com essa sua “experiência elementar”. Em que consiste essa experiência original, elementar? Trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe. A natureza lança o homem na comparação universal consigo mesmo, com os outros e com as coisas, dotando-o – como instrumento de tal confronto universal – de um conjunto de evidências e exigências originais, tão originais que tudo o que o homem diz ou faz depende delas. A elas podem ser dados muitos nomes, por meio de diversas expressões, como: exigência de felicidade, exigência de verdade, exigência de justiça e outras. Seja como for, são como uma centelha que põe em ação o motor humano; antes delas não ocorre nenhum movimento, nenhuma dinâmica humana. Qualquer afirmação de uma pessoa, desde a mais banal e cotidiana até a mais ponderada e plena de consequências, só pode ser feita tendo por base esse núcleo de evidências e exigências originais. (GIUSSANI, L. O senso religioso. Jundiaí: Paco Editorial, 2018).

Ana Lydia Sawaya*

As perguntas que dão título a esse artigo permeiam toda a filosofia desde os seus primórdios, muitos séculos antes de Cristo. O ser humano é um *vir-a-ser*, um ser incompleto que precisará sempre de algo ou de alguém além dele mesmo. Diferentemente dos animais, se modifica, se reinventa, se transforma e transforma a realidade em torno de si, criando a história e a cultura. Da mesma forma que a natureza humana, estas duas perguntas estarão sempre abertas e as respostas a elas se modificarão, na medida em que as pessoas, suas vidas e culturas, se modificarem, até o fim dos tempos.

Contudo, a mais original, profunda e elementar experiência humana, que está na origem de todo e qualquer mover humano, chama-se desejo. O desejo humano não é só o de comer, dormir, procriar. É muito mais: desejo de que tudo tenha sentido, de que a vida seja sensata, de criar e construir coisas, de ser feliz. O ser humano se move porque deseja e na medida em que deseja. O que é a depressão, se não um sofrimento que afeta, exatamente, o nosso

desejo? Quem não experimenta uma repulsa ao caos e ao mal? Mesmo que um ser humano possa estar mergulhado em uma realidade caótica e destrutiva, não conseguirá dizer “ah! que bom!” – inevitavelmente sofrerá com ela e nela.

O ser humano, desde o nascimento, é capaz de reconhecer o belo, o bom e o verdadeiro; de rechaçar o feio, o mal e o falso. A educação, a cultura e a história modificarão esse reconhecimento primordial, mas ele, de qualquer forma, estará sempre lá, na ontologia humana. Há, no ser humano, um *imprinting* divino que o faz reconhecer o bem e desejar a relação com Deus.

Luigi Giussani percebeu que não seria possível falar de Deus às pessoas do nosso tempo sem resgatar esse anseio por Deus. Para tanto, buscou – no conceito de “experiência elementar” – as bases antropológicas do senso religioso, que deixa de ser visto de modo estritamente “religioso”, para ganhar sua verdadeira dimensão de elemento integrador de todas as experiências e de todos os anseios humanos.

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes (SP). Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, Reino Unido, e pesquisadora visitante do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Estados Unidos.

Protagonista do bem comum

Gisela Solymos*

Sara [nome fictício] tinha 19 anos e um filho desnutrido de três anos de idade, que estava sendo tratado no Centro de Recuperação e Educação Nutricional (Cren). Quando a conheci, a equipe de atendimento estava prestes a pedir a intervenção do Conselho Tutelar, pois ela não levava a criança às consultas agendadas e chegava atrasada às atividades previstas, levando ao insucesso do tratamento. Ela morava com seu companheiro e o filho, em um barraco de madeira com chão de terra batida. Dormiam em colchões umedecidos pois ficavam diretamente no chão.

Ao encontrá-la, perguntei-lhe: “você ama seu filho?”. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela respondeu: “sim”. A partir daí, quebraram-se as barreiras, e retomou-se uma relação entre ela e o Cren, permitindo não só a recuperação do filho, mas também a reordenação da vida familiar e a reforma da casa após uma enchente. Sara, sentindo-se olhada em seu desejo mais profundo, renovou as esperanças, fortaleceu-se e passou a seguir todas as indicações dadas.

Esta forma de olhar para a pessoa não foi aprendida em meu curso de Psicologia, mas com Padre Luigi

Empreendedora social premiada e com experiência internacional, Gisela Solymos é cofundadora e foi gerente geral do Centro de Recuperação e Educação Nutricional (Cren), uma organização sem fins lucrativos, referência internacional no combate à má nutrição infanto-juvenil. A ONG já atendeu mais de 160 mil pacientes e capacitou mais de 42 mil profissionais, beneficiando 7,9 milhões de pessoas indiretamente. Neste texto, ela relata como a percepção da “experiência elementar”, formulada por Luigi Giussani, impactou seu trabalho



Crianças no CREN. Fonte: divulgação.

Giussani, que me introduziu à experiência elementar, essa exigência de felicidade, verdade, justiça, beleza, que é o motor de todas as ações humanas.

Ao longo dos anos, trabalhamos a partir dessa hipótese, de que tudo o que fazemos busca esses objetivos e foi isso que fiz naquele dia com Sara.

Esse mesmo desejo de beleza, verdade, justiça, amor é o que move a todos os empreendedores sociais que conheci nas redes nacionais e internacionais das quais comecei a participar após receber o prêmio de Empreendedor Social do Ano pela Folha de São Paulo e Fundação Schwab, em 2021. É por causa deste motor que todos trabalham. A experiência elementar é também fonte de verdadeira criatividade, pois permite que o empreendedor permaneça conectado ao seu propósito, e, ao mesmo tempo, seja muito livre quanto à forma de realizá-lo. Por exemplo: se trabalho para que o mundo seja mais justo e reconheço esse critério de justiça em meu coração, dentro de mim, e não fora de mim como em um conjunto de regras ou em uma carta de intenções escrita por outrem. Se ele está presente dentro de mim, tenho a liberdade de criar e buscar novas maneiras de realizá-lo.

* Psicóloga, com doutorado em Psiquiatria Social (UNIFESP). É cofundadora do Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN), membro de conselhos de organizações nacionais e internacionais, ex-membro do Comitê Diretor da Série de Diálogos de NCDs do Fórum Econômico Mundial. Ashoka Fellow, eleita Empreendedora Social 2011 pela Schwab Foundation, e empreendedora social 2012 pela Ernest & Young.

Aquilo que todos desejamos

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

A totalidade é uma das categorias mais importantes no pensamento de Luigi Giussani. Contudo, ele se aproxima do tema por um viés diferente das análises sistêmicas ou do pensamento marxista clássico. A totalidade, em sua visão, é antes de tudo uma dimensão da experiência humana. O ser humano está imerso na totalidade e, simultaneamente, anseia pela totalidade – pois esta, em sua infinitude, sempre lhe escapa de alguma maneira.

Por isso, precisamos de um processo educativo que nos ajude a mergulhar sempre mais na totalidade, a saber comparar cada coisa que nos acontece, com a qual deparamos com as exigências mais profundas de nosso coração. Nesse sentido, Giussani compreendia a educação como um processo emancipador, em que cada um deveria aprender a comparar aquilo que encontrava com essas exigências profundas e, assim, conseguir cada vez mais escapar das dominações ideológicas, da massificação das consciências, das falsas promessas de felicidade. Ao mesmo tempo, tratava-se de um processo profundamente humanizador e solidário. A pessoa, educada para uma verdadeira abertura à realidade, é capaz não só da crítica destrutiva

No debate cultural, o reconhecimento da existência da “experiência elementar”, ânsia por felicidade, dado inescapável da nossa humanidade, pode nos ajudar a compreender toda a cultura e a viver uma verdadeira comunhão



ACI (Assessoria de Comunicação Institucional da PUC-SP)

(um flagelo cultural em nossa sociedade carregada de ressentimentos), mas, também, e, principalmente, da descoberta da verdade que se oculta em cada aspecto do real, de ternura e empatia para com o outro. Quanto mais profundamente conhecemos os anseios do próprio coração, mais somos capazes de entender o outro, de superar a barreira das aparências que dividem e chegar à essência que congrega.

Permito-me ilustrar essa afirmação com uma experiência que vivenciei alguns anos atrás. Participando de uma mesa-redonda, diante de uma plateia relativamente hostil à posição católica, com umas 200 pessoas, usei a palavra “verdade”. Bastou para que alguém me questionasse dizendo que a verdade não existe, apenas as narrativas. Propus um desafio: se eu conseguisse mostrar uma verdade aceita por todos naquela sala, eles teriam

que aceitar que nem tudo era narrativa. Pedi para que levantasse a mão aquela pessoa na sala que não desejava ser feliz. Evidentemente, ninguém alçou a mão. Afirmei, então, que o desejo de felicidade era uma verdade universal. Uma professora universitária objetou que dependia do que eu entendia por felicidade. Concordei, mas acrescentei que então estava aí um belo caminho que eu e ela podíamos percorrer juntos: descobrirmos o que é a felicidade para cada um e nos ajudarmos a chegar juntos a ela. Dessa vez ela concordou.

Pressionados em um ambiente cultural cada vez mais crítico, os cristãos costumam se dividir entre uma defesa até agressiva dos próprios valores, que muitas vezes rompe com a própria possibilidade do diálogo, e um certo deslumbramento resignado com a posição do outro, em que o diálogo deixa de existir porque a identidade cristã não se expressa. Giussani, com seu mergulho na experiência elementar e sua abertura à totalidade, apresenta uma terceira via: um Cristianismo que não se encolhe ou se fecha diante do outro, mas se faz ainda maior para abraçá-lo.

* Sociólogo e biólogo, coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP

A nostalgia que pede uma resposta infinita: Bergoglio explica Giussani

Núcleo Fé e Cultura

Por que aceitei esse convite. Aceitei apresentar este livro de Dom Giussani por duas razões. A primeira, mais pessoal, é o bem que nos últimos dez anos esse homem me fez, à minha vida de sacerdote, por meio da leitura de seus livros e artigos. A segunda razão é que estou convencido de que seu pensamento é profundamente humano e chega ao mais íntimo dos anseios do homem. Ouso dizer que é a fenomenologia mais profunda e, ao mesmo tempo, mais compreensível da nostalgia como fato transcendental. Há uma fenomenologia da nostalgia, uma sensação de ser chamado de volta para casa, a experiência de sentir-se atraído pelo que nos é mais próprio, que é mais condizente com o nosso ser [[Apresentação de *El atractivo Jesucristo*, na Feira do Livro de Buenos Aires, em 2001](#)].

Falar do homem para chegar a Deus.

O senso religioso [...] é um livro para todos os homens que levam a sério sua humanidade. Atrevo-me a dizer que hoje a questão que mais devemos enfrentar não é tanto o problema de Deus, a existência de Deus, o conhecimento de Deus, mas o problema do homem, o conhecimento do homem – e encontrar no próprio homem a impressão de que Deus deixou nele para se encontrar com Ele [...] O drama do mundo de hoje não é apenas a ausência de Deus, mas, também, e sobretudo, a ausência do homem, a perda de sua fisionomia, seu destino, sua identidade, uma certa incapacidade de explicar os anseios básicos que espreitam seu coração.

Paradoxalmente, em *O senso religioso* pouco se fala de Deus e muito do homem. Fala-se muito sobre seus “porquês”, muito sobre suas necessidades finais. Citando o teólogo protestante Niebuhr, o próprio Giussani explica: não há nada mais incompreensível do que a resposta a uma pergunta que não se coloca [...] Para um homem que esqueceu ou censurou seus “porquês” fundamentais e o anseio de seu coração, falar sobre Deus é algo abstrato, esotérico ou um impulso à devoção sem qualquer impacto na vida. Não se pode iniciar um discurso sobre Deus se primeiro não forem sopradas as cinzas que sufocam as brasas ardentes dos “porquês” fundamentais. O primeiro passo é criar o sentido dessas questões que estão escondidas, enterradas, talvez sofridas, mas que existem [[Apresentação de *El sentido religioso*, em 1999](#)].

Fé e razão. A mentalidade comum, e lamentavelmente a de muitos cristãos, supõe que existe um contraste irremediável entre razão e fé. Em vez disso, *O senso religioso* sublinha o fato de que falar seriamente de Deus significa

*Em quatro ocasiões, o Cardeal Jorge Mário Bergoglio apresentou, em Buenos Aires, livros de Dom Luigi Giussani publicados em edição espanhola. Em 1999, *El sentido religioso*; em 2001, *El atractivo Jesucristo*; em 2005, *¿Por qué la Iglesia?*; em 2008, *¿Se puede vivir así?*. A seguir apresentamos trechos de duas dessas apresentações.*



O Ícaro, de H. Matisse, que voa não com asas de cera, mas com o próprio coração

exaltar e defender a razão e descobrir o seu valor e o seu método correto. Não uma razão entendida como medida preestabelecida da realidade, mas uma razão aberta à realidade na totalidade de seus fatores e que parte da experiência, que parte desse fundamento ontológico que desperta a inquietação do coração.

A razão que reflete sobre a experiência é uma razão que tem como critério de julgamento comparar tudo com o coração, mas com o coração no sentido bíblico, ou seja, como aquele conjunto de necessidades originárias que todo homem possui: de amor, de felicidade, verdade e justiça. O coração é o núcleo do transcendente interior, no qual a verdade, a beleza, a bondade e a unidade que dão harmonia a todo o ser se enraizam. Nesse sentido, entendemos a razão humana; não com aquele racionalismo de laboratório, com o idealismo ou o nominalismo (este último tão na moda), que tudo pode, que pretende possuir a realidade

de possuindo o número, a ideia ou a racionalização das coisas. Ou, se quisermos ir ainda mais longe, possuir a realidade dominando absolutamente uma técnica que nos supera no próprio momento do uso, caindo, assim, naquela civilização que Guardini gostava de chamar de “a segunda forma de ignorância” [...] Falamos de uma razão que não se reduz nem se esgota no método matemático, científico ou filosófico. [[Apresentação de *El sentido religioso*, op. cit.](#)].

A ética cristã nasce do encontro.

Não se pode compreender esta dinâmica do encontro que suscita maravilhamento e adesão se não dispararmos – perdoem-me a palavra – o gatilho da misericórdia. Somente aqueles que encontraram a misericórdia, aqueles que foram acariciados pela ternura da misericórdia, sentem-se à vontade com o Senhor [...] Forçando o argumento, ouso dizer que o lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de

Jesus Cristo para com o meu pecado.

Perante este abraço de misericórdia – e continuo segundo as linhas do pensamento de Giussani – quer-se realmente responder, mudar, corresponder. Surge uma nova moral: perguntamo-nos sobre o problema moral, mas seguindo uma ética que surge desse encontro que descrevemos até agora. A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarista, o esforço de quem decide ser consistente e ter sucesso, um desafio solitário diante do mundo. Não. A moralidade cristã é simplesmente uma resposta. É a resposta diante da misericórdia surpreendente, imprevisível, até “injusta”, se vista com critérios puramente humanos, Daquele que me conhece, conhece minhas traições e ainda me ama [...] É por isso que a concepção cristã de moral é uma revolução, não é nunca cair, mas sempre se levantar.

Como vemos, essa autêntica concepção cristã de moralidade que Giussani apresenta nada tem a ver com os quietismos espiritualoides que hoje encham as prateleiras dos supermercados religiosos, nem com o pelagianismo tão na moda em suas diversas e sofisticadas manifestações. Basicamente, o pelagianismo está reeditando a Torre de Babel, enquanto os quietismos espiritualistas são esforços de oração ou espiritualidade imanente que nunca saem de si mesmos [[Apresentação de *El atractivo Jesucristo*, op. cit.](#)].

A resposta total. O homem não pode se contentar com respostas reduzidas ou parciais, que obrigam a censurar ou esquecer algum aspecto da realidade [...] O homem necessita de uma resposta total que inclua e guarde todo o horizonte do seu “eu” e da sua existência. Dentro de si, ele possui uma saudade do infinito, uma tristeza infinita, uma nostalgia que se satisfaz apenas com uma resposta igualmente infinita. O coração do homem acaba por ser sinal de um Mistério, isto é, de algo ou alguém que é uma resposta infinita. Fora do Mistério, as necessidades de felicidade, amor, justiça nunca encontram uma resposta que satisfaça plenamente o coração humano. A vida seria um desejo absurdo se essa resposta não existisse. Não só o coração do homem é sinal, mas toda a realidade [...]

Questionar-se diante dos sinais exige uma capacidade extremamente humana, a primeira que temos como homens e mulheres: o estupor, o maravilhamento, a capacidade de se surpreender. Como diz Giussani, um coração de crianças. Só o estupor conhece. A degradação moral e cultural começa a surgir quando a capacidade de se maravilhar é enfraquecida, cancelada ou morre [[Apresentação de *El sentido religioso*, op. cit.](#)].

O percurso de redescoberta da fé na cultura de hoje

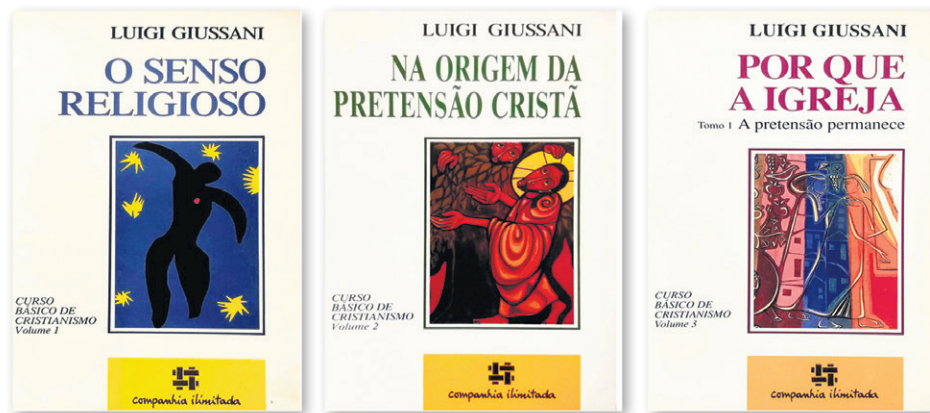
Núcleo Fé e Cultura

A trajetória sacerdotal de Dom Luigi Giussani está intimamente ligada ao movimento por ele criado, Comunhão e Libertação, mas também pode ser entendida como resposta à pergunta: como apresentar a fé de forma persuasiva, particularmente aos jovens, em nosso tempo?

Sua primeira intuição, que se mostrou plenamente válida a partir da segunda metade do século XX, foi a de que uma fé transmitida apenas por tradição e mantida à custa de normas e valores morais hegemônicos em nossas sociedades não se sustentaria no coração dos jovens. Por isso, dedicou-se ao ensino religioso e ao acompanhamento da juventude. Seus livros, na maioria das vezes, nascem de suas lições e de seus diálogos com os jovens.

Sua obra principal são os três volumes do *Percurso* (*Percurso*) um jogo de palavras em italiano: “para um curso” (no sentido de atividade escolar) e *percurso* (trajetória que se percorre rumo a um destino). Nasceram de seu trabalho como professor de religião tanto no Ensino Médio quanto na universidade.

O primeiro volume, *O senso religioso* (Jundiaí: Paco Editorial, 2018), inicia-se justamente com uma discus-



Capas das primeiras edições brasileiras do *Percurso*, de Luigi Giussani.

Reprodução

são metodológica sobre as premissas necessárias para se reconhecer a experiência religiosa e o Cristianismo: realismo, racionalidade e moralidade. Continua descrevendo as características do ímpeto religioso presente em todo ser humano e apresenta as situações que dificultam o reconhecimento dessa natureza religiosa em nossa sociedade atual.

O segundo volume, *Na origem da pretensão cristã* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012), mostra como Jesus Cristo é a resposta mais completa ao anseio religioso do ser humano. O título traz uma sugestiva provocação: o Cristianismo tem a pretensão de ser a resposta definitiva a uma

busca universal do ser humano, tem a pretensão de apresentar um homem de carne e osso, sujeito às limitações da matéria, à derrota e à morte, como sendo o próprio Deus onipotente. Sem a percepção dessa desproporção, desse abismo que separa a pretensão cristã das demais realidades humanas, não somos capazes de entender o seu significado e podemos nos perder em leituras moralizantes ou numa tentativa intelectualista de apreendê-lo como mais uma “filosofia de vida”. Novamente, a questão metodológica se apresenta na reflexão sobre as características da encarnação: Cristo não se apresenta à humanidade na forma de um soberano todo-podero-

so, como a maioria das religiões esperaria, mas, sim, na forma de um ser humano igual a cada um de nós. Esse dado, surpreendente para a lógica estritamente humana, se constitui, na reflexão de Giussani, num fio condutor que permite compreender melhor o amor de Deus por nós.

Por fim, o terceiro volume do *Percurso*, *Por que a Igreja* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015) se dedicará ao fato mais escandaloso de todos: Cristo quer chegar a cada ser humano, ao longo da história, por meio de uma instituição humana, sujeita aos tantos pecados praticados por seus responsáveis. Nesse volume, Giussani enfrentará as grandes objeções tanto sociais quanto individuais ao ser a Igreja. Mostra as suas características fundamentais segundo a formulação presente no Credo (única, santa, católica e apostólica) como critérios com que cada ser humano pode se defrontar para “verificar” a pertinência da proposta católica.

Giussani, no *Percurso*, mostra um caminho de dupla via, do ser humano que busca, por meio de suas experiências e da sua razão, e de Deus que vai ao seu encontro, se revelando em Jesus Cristo.

Coda, no ritmo do coração

Rafael Ruiz*

Assistir a este filme sem ter ouvido nada muito preciso sobre ele e sem nenhum *spoiler* prévio pode ser uma experiência única. A gente vai de surpresa em surpresa. A primeira delas, sem dúvida, é que ganhou três Oscars em 2022: Melhor Filme, Ator Coadjuvante e Roteiro Adaptado.

Depois de assistir ao filme, a gente se pergunta: como é que a Academia o escolheu?! A Academia parecia concentrada numa agenda ideológica, progressista e politicamente correta, na distribuição de seus prêmios, mas somos surpreendidos com um filme que, de alguma maneira, nos remete a uma história de amor singela e sem muitas complicações, na qual, após muitas dificuldades, tendo superado vários obstáculos, o amor prevalece.

A segunda surpresa é saber que é um *remake*, a versão hollywoodiana do filme francês *A Família Bélier*, de 2014. A grande diferença é que o filme norte-americano enfoca uma família de pescadores, numa região costeira, enquanto o original se passa numa fazenda familiar da França.

A terceira surpresa é saber que *Coda* é a abreviação de *Child Of Deaf Adults* (criança de pais surdos) e que a diretora, Siân Heder, fez questão de colocar no elenco pessoas realmen-



Divulgação

te surdas e mudas que atuam com a naturalidade e espontaneidade de quem realmente está vivendo o seu papel. A família de pescadores formada por Jackie, a mãe; Frank, o pai; Leo, o irmão mais velho; todos surdos-mudos, e Ruby, a filha que ouve e fala normalmente e ajuda toda a família no trabalho da pesca diária, bem como é a intermediária entre a família e a comunidade de pescadores e habitantes da cidade costeira, é um outro elemento surpreendente.

Impossível não ficar emocionados quando escutamos várias vezes ao longo do filme a canção *You're All I Need to Get By* e impossível tam-

bém não sentir uma fisgada no coração quando ouvimos aquela parte da letra *I'll sacrifice for you. Dedicate my life for you* (“Vou me sacrificar por você. Dedico minha vida a você”) porque todo o filme fala disso, de como é bonito e grandioso e maravilhoso sentir, tocar e ver que alguém nos ama e que está disposto a se sacrificar por nós e dedicar a sua vida ao nosso amor. Ruby, aos 17 anos, está disposta a sacrificar a sua vida pela sua família, e seus pais também estão dispostos a se sacrificarem para que ela realize seus sonhos.

Pouco antes do fim, ouvimos Ruby cantando *Both Sides Now*,

de Joni Mitchell, enquanto, olhando para seus pais e irmão, fala em libras: “Olho o amor de ambos os lados agora, do dar e do receber...Eu realmente não sei nada sobre o amor”. Mas é precisamente o contrário: se alguém sabe muito, mas muito mesmo, sobre o que o amor significa, esses são Ruby, seu pai, sua mãe e seu irmão.

Coda
Direção e roteiro: Siân Heder
Elenco: Troy Kotsur,
Marlee Matlin, Emilia
Jones, Eugenio Derbez

* Professor de História da América da Unifesp